

COMENTÁRIOS SOBRE NIILISMO

Andreia Marin

(Texto escrito para fins didáticos)

Pecoraro, no livro *Niilismo*, destaca que o niilismo pode ser considerado um movimento positivo, embora historicamente o termo tenha sido usado várias vezes negativamente: “quando mediante um labor de crítica e desmascaramento nos revela a abismal ausência de cada fundamento, verdade, critério absoluto e universal”. Como movimento negativo, por sua vez, significaria o reforço de “traços destruidores e iconoclastas, como os do declínio, do ressentimento, da incapacidade de avançar, da paralisia” (PECORARO, 2007, p.8).

É o mesmo autor, concordando com Volpi (1999), autor de *O Niilismo*, quem nos esclarece o significado originário do termo e suas derivações, conforme segue. O termo deriva do latim *nihil*, nada. As primeiras referências filosóficas ao termo estavam focadas no fascínio pelo nada:

[...] do sofista Górgias (490-388 a.C) – com as célebres teses nada é, e se alguma coisa fosse, não poderia ser conhecida; e se fosse conhecível seria inexprimível – à mística e à teologia negativa; do poeta Giacomo Leopardi (1798-1833) – o nada é princípio de Deus e de todas as coisas – à pergunta fundamental ‘por que o ser e não, antes, o nada?’, de Wilhelm Gottfried Leibniz (1646-1716) e Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854), ao chamado ‘pessimismo’ de Arthur Schopenhauer (1788-1860) (PECORARO, 2007, p.8).

Há, no entanto, diferentes significados para o termo niilismo. A partir do século XIX, longe dessa aproximação com a ideia do nada, ele está profundamente ligado aos acontecimentos históricos. Na dimensão política, o termo aparece recorrentemente atrelado às críticas à modernidade. Segundo CEI (2011, p.5), na Rússia oitocentista o termo niilismo estava em voga entre jornalistas e romancistas para designar um movimento de rebelião contra a ordem estabelecida e valores sociais.

Pecoraro (2007, p.9) destaca que, nesse sentido histórico, a ocorrência do termo remonta à Revolução francesa, quando foram chamados de niilistas os grupos declaradamente neutros, que não eram nem a favor nem contra a Revolução. Em sentido propriamente filosófico, atribui o primeiro uso do termo a Friedrich Jacobi (1743-1819), que o empregou em um texto escrito em 1799, ao tecer a crítica ao idealismo, considerado sinônimo de niilismo, com uma conotação negativa. A crítica era dirigida especialmente à Fichte que, na esteira do pensamento kantiano, induzia a destruição da religião, das verdades e do senso comum, o que, segundo o Jacobi, tentava dissolver os valores consolidados e a natural certeza da realidade, subjugados à subjetividade.

É, no entanto, somente no século XX que o pensamento nietzscheano ofereceria uma discussão conceitual detalhada do niilismo: “é com Nietzsche que a reflexão filosófica sobre o niilismo alcança o seu mais alto grau, com um pensamento radical que mostra as origens mais remotas do fenômeno” (PECORARO, 2007, p.10). Também segundo Volpi (1999), Nietzsche foi o primeiro teórico da filosofia a empregar o termo em uma detalhada discussão conceitual:

É na obra de Nietzsche – particularmente nos fragmentos dos anos 1880 publicados após sua morte na duvidosa e discutível *Der Wille zur Macht* (A vontade de poder), com sua primeira edição em 1901 e a segunda, bem mais volumosa, em 1906 – que o niilismo se torna o objeto de uma explícita reflexão filosófica. Com ele, a análise do fenômeno atinge seu ponto mais alto, amadurecendo uma consciência histórica de suas raízes mais longínquas, no platonismo e no cristianismo e alimentando, ao mesmo tempo, a exigência crítica de uma superação dos males oriundos desse fenômeno (VOLPI, 1999, p.43).

No século XIX, o termo aparece na obra literária *Pais e filhos*, do escritor russo Ivan Turguêniev (1818-1883), constituindo uma crítica à racionalidade burguesa em um momento em que a Rússia vivia as transformações sociais advindas do desenvolvimento e da modernização, importando os valores da modernidade europeia. Segundo Pecoraro (2007, p.14), Turguêniev não usou o termo em sentido de reprovação, mas para fazer referência a um fato histórico, sendo que o termo passou a ser utilizado negativamente com significado de condenação por uma interpretação equivocada desse propósito. Destaque-se um fragmento de um diálogo do texto de Turgêniev: “o niilista é uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito” (TURGUÊNIEV, 2004 *apud* CEI, 2011, p.8).

Outro nome a ser destacado é Max Stirner (1806-1856), para quem o niilismo é negação e rejeição de todo fundamento e toda verdade que transcendem a existência originária, pulverizando qualquer tentativa de confiar à existência um sentido transcendente, metafísico (PECORARO, 2007, p.13).

A negação dos fundamentos da tradição expressa no texto de Turguêniev e no pensamento de Stirner tem aproximação com a abordagem Nietzscheana: “Que significa niilismo? – Que os valores supremos se desvalorizem” (NIETZSCHE, 2008, p.29). A destruição dos valores gera incerteza, ressentimento, pessimismo. O pressentimento do sem-sentido é a experiência do nada, a forma mais extrema do niilismo (NIETZSCHE, 2005, p.57).

Há que se destacar, antes do detalhamento de alguns pontos do niilismo nietzscheano, a influência do pensamento de Schopenhauer, especialmente na sua reflexão sobre o nada. Volpi (1999, p.44) enfatiza que tal reflexão, ainda que prescindida do conceito de niilismo, inspirou o enfoque do tema em Nietzsche, que considera o pessimismo schopenhauriano como um tipo de pessimismo passível, um

enfraquecimento da potência do espírito. Veremos, adiante, que esse seria o primeiro passo rumo ao niilismo e à transvaloração dos valores.

Tanto o saber sobre os valores absolutos quanto o apego ao conhecimento adequado são denunciados por Nietzsche em *A vontade de poder*: “enquanto acreditamos na moral, condenamos a existência” (NIETZSCHE, 2008, p.30).

Essa vontade de verdade que funda a filosofia e a moral é, no mínimo, ingênua, uma vez que “os juízos de valor sobre a vida, a favor ou contra, não podem, em definitivo, ser verdadeiros nunca: unicamente têm valor como sintomas” (NIETZSCHE, 2002, “*A grande política*”, p.26). Não obstante, os filósofos e moralistas tem a pretensão de falar em nome de um absoluto: “o mundo ‘verdade’, acessível ao sábio, ao religioso, ao virtuoso – vive nele, ele mesmo é esse mundo” (*id.*, p.41). É nesse sentido que Nietzsche (2006, p.185) em *Humano, demasiado humano*, refere-se aos filósofos gregos como tiranos do espírito que encontram a luz no conhecimento, naquilo que eles chamam sua verdade. Sobre a inteligência dos gregos, considera: “quando neles fala a inteligência, como a vida aparece então amarga e cruel! Eles não se iludem, mas cercam de propósito a vida com mentiras” (*id.*, p.129). Com esse recurso, Sócrates lançara a equação razão-virtude-felicidade, justificando a razão e a moral: “e Sócrates compreendeu que todos precisavam dele, - do seu remédio, da sua cura, do seu ardil pessoal de autoconservar-se [...] Razão-virtude-felicidade significa simplesmente: há que imitar a Sócrates e implantar de maneira permanente, contra os apetites obscuros, uma luz diurna – a luz diurna da razão” (NIETZSCHE, 1985, pp.30-31). Os valores morais nascem da estratégia de sobrevivência dos fracos e decadentes.

Antes viver nas geleiras do que entre as virtudes modernas. [...] Tínhamos sede de relâmpagos e de proezas. Nós nos mantínhamos o mais longe possível da felicidade dos fracos, da resignação... Havia tempestades em nosso ar, a natureza em nós se obscurecia – pois não dispúnhamos de nenhum caminho (NIETZSCHE, *O Anticristo*, p.17).

Excluída a muleta da moralidade, reconhecida a consciência de si como vontade de verdade, chega-se à constatação de que a existência humana jamais teve uma finalidade: “por trás de cada destino humano soava, como um refrão, um ainda maior ‘Em vão!’” (NIETZSCHE, 1998, p.148).

Ao ser humano forçado a instalar-se num devir em que nada se alcança – ausência de fim -, em uma existência não situada numa universalidade, e diante da constatação da inexistência de um mundo verdadeiro localizado no supra-sensível, resta o ressentimento e dois caminhos possíveis: o niilismo ou a decadência.

O pessimismo que se inclina à resignação e uma indisposição para viver são os principais sintomas da decadência. As forças impostas pelos filósofos e moralistas contra a decadência são, paradoxalmente, o indício da fraqueza humana: “é um auto-engano por parte dos filósofos e moralistas acreditarem que se livram já da *décadence* pelo facto de lhe moverem guerra. [...] o que eles escolhem como remédio, como salvação, não é por seu lado mais que uma outra expressão da *décadence*...”. Tal decadência se caracteriza por “um tom cheio de dúvida, cheio de melancolia, cheio de cansaço da vida, cheio de oposição à vida”.

O pessimismo é tomado por Nietzsche (2008, p.30) como a forma prévia do niilismo. O niilismo consumado, por sua vez, tem como desfecho a substituição pelo movimento de transvaloração de todos os valores: “o niilismo é a lógica dos nossos grandes valores e ideais pensados até o fim” (*id.*, p.24).

Nietzsche faz uma distinção entre duas formas de pessimismo: i) aquele que nega a ausência de finalidade – o pessimismo como decadência; ii) aquele que afirma a ausência de finalidade – o pessimismo como robustez, anarquismo, niilismo. Os fortes agem pela segunda espécie: “aqueles que não somente admitem como amam uma boa parte de acaso, absurdo, aqueles que podem pensar a respeito do homem com uma significativa redução de seu valor, sem com isso se tornar pequeno e fraco” (NIETZSCHE, 2002, p.61). O pessimismo como decadência, por sua vez, é a expressão de uma doença travestida de nostalgia da morte, de desgosto da vida, motivações presentes em Sócrates moribundo.

Referências

CEI, Vitor. Nietzsche e Turguêniev: para uma genealogia do niilismo. **Revista eletrônica de estudos literários**, ano 7, sem.2, n.9, p.1-12, 2011.

PECORARO, Rossano. **Niilismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. O niilismo europeu. Trad. O.Giacchia. **Cadernos de Tradução**, n.3, p.55-61, 2004.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**: ou como se filosofa às marteladas. Lisboa: Guimarães Editores, 1985.

_____. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. A grande política: fragmentos. In: **Clássicos da filosofia: cadernos de tradução**. 2ed. Campinas: Unicamp, 2002.

_____. **O Anticristo**: ensaio de crítico ao cristianismo. São Paulo: Escala, s/d.

_____. **A origem da tragédia**. São Paulo: Madras, 2005.

_____. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Escala, 2006.

_____. **A Gaia ciência**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

_____. **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

VOLPI, Franco. **O Niilismo**. São Paulo: Loyola, 1999.